

A TENSÃO DA EXISTÊNCIA:

UMA RELAÇÃO ENTRE AUTENTICIDADE E INAUTENTICIDADE EM JEAN-PAUL SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR

Thiago Teixeira¹

Resumo: O presente artigo tem por finalidade a investigação acerca da existência humana sob o prisma do existencialismo de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Tal investigação se norteia pela compreensão da tensão estabelecida entre a autenticidade e a inautenticidade a partir da compreensão desses existencialistas humanistas. Preocupamo-nos, então, em demonstrar a liberdade — indicativo da realidade humana — como caminho para a configuração de um projeto original. Ademais, indicamos que os alcances desse projeto se referem à escolha, isto é, a realização concreta da liberdade em situação.

Palavras-chave: existencialismo, Sartre, Beauvoir, liberdade, má fé

Résumé: Cet article vise à la recherche sur l'existence humaine dans la perspective de l'existentialisme de Jean-Paul Sartre et Simone de Beauvoir. Cette recherche est guidée par la compréhension de la tension établie entre l'authenticité et l'inauthenticité de la compréhension de ces existentialistes humanistes. Nous nous soucions donc de démontrer la liberté - indicative de la réalité humaine - comme un moyen de configurer un design unique. En outre, nous avons indiqué que la portée de ce projet se réfère au choix, qui est, la réalisation concrète de la situation de la liberté.

Mots clés: existencialismo, Sartre, Beauvoir, de liberté, de mauvaise foi

Introdução

É sabido que o existencialismo é reconhecido como a filosofia da liberdade. Nesse sentido, orientamos nossa investigação a partir de uma questão fundamental: quais são os alcances da liberdade — enquanto condição da realidade humana — nos prismas de Jean Paul - Sartre e de Simone de Beauvoir? Esta questão nos abre o horizonte e deixa emergir outra: quais são os riscos de não assumir tal condição, uma vez que ela indica a radicalidade da existência humana?

Antes de tudo, é *mister* considerar que o existencialismo possui como propósito, o interesse de que o homem assuma a sua existência como algo que lhe pertence.

¹ Mestre em filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia — FAJE. Graduado em Filosofia pela PUC Minas. E-mail: thiagoteixeiraf@gmail.com.

Destarte, sua modalidade humanista retira da realidade humana toda justificativa de existência que escape às mãos humanas. Distanciamos-nos, portanto, de perspectivas técnicas de mundo². O homem é responsável pelo que faz, pois não há outra realidade senão aquela criada por ele mesmo. Logo, esse mesmo homem,

Será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que se tornar. Assim não há natureza humana, pois não há Deus para concebê-la. O homem é então, não apenas como ele se quer, e como se concebe a partir de sua existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que se faz. (SARTRE, 2010, p. 24).

Colocar o homem frente à sua realidade é o princípio mais valioso do existencialismo. Isso significa que, para essa escola filosófica, é preciso que nós assumamos nossa existência em seu bojo: na perspectiva da liberdade. Ela, a liberdade, não é vista por esses pensadores como um atributo cedido ao homem, mas como a própria estrutura da realidade humana, ou seja, a possibilidade. Existir implica em assumir os riscos das possibilidades que nos são abertas.

Desta feita, a liberdade é terreno da existência humana. Assim, afirmamos que não há nada que anteceda essa mesma realidade, visto que, para Sartre e, de certo modo para Beauvoir, “a existência precede a essência” (SARTRE, 2010, p. 26). O homem escolhe a si mesmo enquanto projeto e este, por sua vez, corresponde ao fluxo daquela escolha original. O projeto original corresponde à situação, ou seja, o homem se realiza num processo que jamais se dá em plenitude.

A liberdade, em Sartre, por exemplo, designa a possibilidade que se deixa ver na abertura do para-si. Logo, a essência criada designa-se enquanto tensão: entre a permanência e a alteração. O projeto fundamental é reconhecido, mas toma forma e entornos a partir da contingência e das situações postas em prática através da liberdade que as exige. Assumimos, então, que

As características básicas desse projeto são: as possibilidades que tal pessoa encontra; a dimensão de futuro que a temporalidade de seus atos encerra; a alteridade constitutiva de outro projeto de ser, isto é, de outra manifestação da realidade humana, de outra pessoa e a intenção fundamental desse projeto, os seus fins últimos. O projeto definido por Sartre apresenta também dois

² Sartre considera que as visões técnicas de mundo corroboram para uma fundamentação essencialista e de natureza humana. Acreditar que o homem foi criado determina que antes de sua existência os seus projetos e fins já existiam no intelecto do artífice que, nesse caso, é superior.

aspectos basilares: existe a dimensão inicial do projeto e a dimensão fundamental do projeto. O projeto inicial é a disposição que a pessoa tem de realizar seu modo de ser fundamental. Esse momento caracteriza-se pelo conjunto de possibilidades e expectativas das ações e condutas. O projeto de iniciar uma carreira profissional, de ser um escritor, por exemplo, configura-se primeiramente pelo esboço de condutas futuras que visam um fim, um horizonte. (SASS, 2015, p. 115).

O reconhecimento desse projeto permanece. No entanto, ele não é estanque e, por isso, o homem é criador e não criado. Há, no cerne do conceito de liberdade existencialista, algo de fundamental relevância: ela não corresponde à escolha entre o bem ou o mal em caráter absoluto, mas se dá na ordem da ambiguidade. Tampouco se apresenta como algo dado ao homem, um bem como direção, apontado por um ser que lhe é superior. Assim, a liberdade,

Consiste em inventar a possibilidade, a ação e o critério que adotamos. Não existe uma tabela de valores que cada um pode consultar antes. Não existe uma tabela de valores que cada um pode consultar antes de tomar uma decisão; isso seria a renúncia à liberdade ou a escolha da determinação, uma forma inautêntica de existir, de corrente de que, dentre as opções possíveis, está aquela de agir como se fosse livre. (LEOPOLDO, 2011, p. 122).

A liberdade ocorre na realidade num humana como uma condenação. Há aqui um grande paradoxo. Ele toma forma, na medida em que o homem está entregue ao mundo e sem justificação. A realização, em curso, da vida humana se dá como uma abertura que exige a eleição de um destino.

Assim, o homem não responde a nada ou a ninguém acima de sua própria realidade. Ele, ser da consciência, caminha rumo à busca de si mesmo e se aparta de determinismos, como aponta Beauvoir ao falar da feminilidade. A filósofa afirma, nessa seara, que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2009, p.361). Ademais, se a liberdade é a contextura da realidade humana em situação, é preciso que ela se deixe ver concretamente, isto é

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu uma grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino. A maldição que pesa sobre a mulher vassala, reside no fato de que não lhe é permitido fazer o que quer que seja: ela se obstina então na impossível procura do ser através do narcisismo, do amor, da religião; produtora ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos

afirma-se concretamente como sujeito (...) põe à prova sua responsabilidade. (BEAUVOIR, 2009 p.799).

Podemos reconhecer a liberdade como a descompressão no cerne do ser do para-si que visa uma totalidade que jamais será alcançada. Ele, o ser do para-si, coloca a si mesmo à distância, ou seja, porque é consciência e intencionalidade ele vislumbra fora de si os motivos e os fins. É fato que recusamos, em nome do existencialismo, um ego substancial. Isso significa que não há na realidade humana uma essência que a determine como isso ou aquilo.

Ela é livre justamente porque é possibilidade, é abertura. O homem é o ser das ações possíveis e a isso chamamos transcendência. A transcendência, nos limites epistemológicos do existencialismo, assume uma horizontalidade. Assim, o homem constitui a sua essência numa perspectiva estritamente humana.

É de comum acordo que o nada surge no mundo através da existência humana. Dito de outro modo, o homem é o ser que empreende o nada no mundo através de sua vivência e de suas escolhas. Porque é nada, em seu bojo, o ser do homem pode empreender-se enquanto projeto, ou seja, o “homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que *é tendo sido* no âmago do homem e o briga a realidade humana a *fazer-se* em vez de *ser*.” (SARTRE, 2010, p. 545).

Não nascemos determinados, e isso indica que somos um nada que se contrasta ao mundo. Podemos inferir que a situação exige a liberdade como forma de realização. A liberdade existe, na medida em que o homem pode transvalorar o conjunto de processos que lhe antecedem. Ele, o homem é o ser do valor, uma vez que seu engajamento confere sentido ao mundo.

O para-si aparece, nos limites da ontologia sartriana, por exemplo, como o ser das ações possíveis. Estas, por sua vez, são reais porque há, no cerne da realidade humana, uma descompressão. Ele, o homem, faz com que o nada surja no mundo. Essa existência do nada, no bojo da realidade humana, é reconhecida por uma tríade: a) aquilo que falta; b) aquilo a quem falta e por fim; c) a totalidade perdida.

Aqui atestamos o para-si como o ser de valor. Este surge de modo consubstancial à realidade do homem, uma vez que ele mesmo se lança rumo à

configuração de seu projeto original. Escolher é, em alto grau, atribuir sentido e valor a própria existência. Ademais, indica a radicalidade do projeto humano, visto que não há, no existencialismo de Sartre, nenhum resquício de uma transcendência vertical.

A má fé denota, portanto, a fuga desta radicalidade impregnada na existência humana enquanto liberdade. Como escolha, se define como uma possibilidade humana. Desta feita, um homem pode se escolher de má fé, isto é, assegurar sua existência numa totalização do projeto que, para nós é ilusória, contudo, possível. Nossa perspectiva avança, na medida em que percebemos o caráter moral que se antepõe a discussão entre a escolha livre e a má fé. Assim, nos propomos a identificar a estrutura dessa experiência do para-si, bem como os problemas que decorrem — numa discussão moral — da adesão desse projeto, nos prismas de Sartre e Beauvoir.

1. A liberdade: contextura da realidade humana

Sabemos que dos temas mais caros à perspectiva existencialista a liberdade apresenta destaque. Talvez esse seja o tema chave de todas as discussões, mesmo que elas se expandam para as múltiplas facetas da realidade humana. A importância dessa discussão se dá pela distância que se resguarda nos prismas de Sartre e Beauvoir, dessa temática. Os filósofos existencialistas se alijam das compreensões nas quais a liberdade corresponde à escolha entre o binômio bem e mal. Na verdade, essa polaridade — quando absoluta —, se torna alvo de crítica das filosofias existencialistas que se sustentam, sobretudo, na ambiguidade.

Acreditamos que a liberdade aqui diz respeito à abertura da realidade humana ao destino que ela mesma escolher e constituir. Ao escapar de doutrinas substancialistas, ou seja, que se firmam na antecipação da essência frente à existência, os existencialistas humanistas demonstram que a essência não é anterior à existência.

Assim, a liberdade corresponde à abertura de sentido que emerge da existência humana que é estéril. Assim, estamos “presos” a essa liberdade. Dito de outro modo:

tudo que Sartre quer dizer é que não podemos renunciar a essa liberdade mesmo se quisermos. Dada essa declaração de nossa liberdade radical, necessitamos destacar que Sartre não está ignorando o fato de nascermos em

uma situação, como certas disposições físicas e sociais. Poderíamos ser pobres, oprimidos pelo regime nazistas, escravizados pelo colonialismo, ou qualquer outra situação que você possa imaginar. Contudo, para Sartre, isso é o que ele chama de “facticidade” — a soma dos “fatos” sobre nós, incluindo nossa situação social e circunstâncias físicas — e isso de modo algum subverte a nossa liberdade. (REYNOLDS, 2013, p.87).

Deste modo, compreendemos que a liberdade está para a radicalidade, bem como está para a escolha. De outra maneira, podemos compreender que o homem existe e, a partir, desse nada inicial constitui a sua existência. Ademais, essa constituição, o valor e a essência surgirão através de uma situação concreta que, a rigor, é humana. O homem não criou a si mesmo, mas é incitado, por sua existência, a configurar um horizonte de sentidos e valores ao se engajar.

Não há como negar que a responsabilidade é pressuposto da liberdade. Entendemos que o homem, lançado no mundo, é responsável, de modo irrestrito por aquilo que faz de se mesmo, bem como da realidade que ele assume como sua. O existencialismo declara que a realidade humana se vê estritamente ciosa de sua situação. Aliás, ela é indispensável para que a liberdade se manifeste enquanto tal. Desta feita, acerca da situação, compreendemos que

O conceito empírico e popular de “liberdade”, produto de circunstâncias históricas, políticas e morais, equivale à “faculdade de obter os fins escolhidos”. O conceito técnico e filosófico de liberdade, o único que consideramos aqui, significa somente: autonomia de escolher. É preciso observar, contudo, que a escolha, sendo idêntica ao fazer, pressupõe um começo de realização, de modo a se distinguir do sonho e do desejo. Assim, não diremos que um prisioneiro é sempre livre para sair da prisão, o que seria absurdo, nem tampouco que é livre para desejar sua libertação, o que seria um truísmo, mas sim que é sempre livre para tentar escapar (ou fazer-se libertar). (SARTRE, 2009, p. 595).

A relação entre liberdade e situação indica a possibilidade. Assim, a situação — seja ela de qual natureza for — não impede a liberdade, ao contrário, ela a exige. É de comum acordo que o homem nasce em condições materiais delineadas, essas condições não sucumbem à liberdade.

Através da atitude nadificadora, enquanto indicativo da liberdade, o homem transvalora aquilo que nós chamamos de condições de adversidade. O homem é livre

para inventar a si mesmo e alterar a realidade que o tangencia, pois é liberdade em situação. Sendo assim, podemos perceber que,

A intenção visa o que ainda não é; não aquilo que é latente, senão aquilo que é futuro. É por isso que a consciência-projeto só desvenda valores criando-os na liberdade que desabrocha na ação. Não há valores dados ou latentes, pois o valor não existe mais. O homem é apenas aquilo que faz no presente. Todavia, já que a liberdade não é dada e que ela é projeto de libertação, ela encontra resistência. Não apenas os limites de uma situação de fato, a facticidade, ameaçam-na (...). O homem não se explicará a partir do mundo. A consciência nadificadora do mundo é pura existência, sem essência, pura subjetividade, e suporta por si nossa humanidade. É só graças a ela que somos homens. (GÓIS, 2008, p. 75-76).

Assim, a consciência, como disposição da realidade humana, não está separada no mundo, ao contrário, aparece nele mesmo como nadificação. O homem, enquanto projeto, realiza sua liberdade num lugar e, mais, essa resistência é caráter indispensável para que a liberdade seja concreta. Ele é aquilo que faz, portanto, há uma responsabilidade que abarca toda a dimensão da realidade humana.

Ao tratarmos da liberdade, deixamos claro que o homem não possui escapatória, ou seja, ele é inteiramente cioso daquilo que faz no mundo. O existencialismo retira do alcance do homem toda e qualquer justificativa para suas ações. Assim, o homem não pode recorrer a nenhuma tábula valorativa que o exima de sua responsabilidade. Existir é ser a liberdade de seu ser.

O para-si — ser da realidade humana — faz com que apareça no mundo uma *responsabilidade opressiva*³, pois o homem não pode se furtar de seu papel de protagonista no que tange sua existência. Da mesma forma ele é o ser que faz com que haja mundo, experiência similar a da verdade⁴. Talvez, uma leitura apressada entenda opressão como resignação ou intimidação. Tal leitura se sustenta num engano, pois, em tempo algum, os existencialistas enxergam essa opressão como sinônimo de impedimento da liberdade.

³ SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2009 p.677-678.

⁴ Para Sartre, o ato de conhecer implica em tirar os seres da noite e isso significa colocar a consciência como iluminadora desse mesmo mundo. Destarte, a verdade é o que aparece no mundo através desse ato de iluminação na relação: consciência-mundo. Assumindo que a verdade se interpõe nessa aproximação, não há como contestar que ela aparece no mundo através da realidade humana e, da mesma forma, se esvai como a ausência dos homens.

Vale a pena, então, esclarecer que o termo “opressão” se aproxima da condição estéril da realidade humana, ou seja, indica que o homem não possui nenhuma base anterior à sua existência e, por isso, é impelido a inventar seu destino.

Dito isso, reconhecemos que aquele termo indica um apelo a liberdade do homem, pois ele é chamado a inventar a si mesmo e o mundo. Logo, tal jugo é distante da abnegação e coloca em relevo a escolha do homem por si. Frente essa premissa, entendemos que tudo o que acontece ao homem pertence a ele mesmo. Assim, cabe a esse mesmo homem escolher de forma autêntica sua existência e encarar a angústia que emerge de tal vivência.

O que acontece comigo, acontece por mim, e eu não poderia me deixar afetar por isso, nem me revoltar, nem me resignar. Além disso, tudo aquilo que me acontece é *meu*; deve-se entender por isso, em primeiro lugar, que estou sempre à altura do que me acontece, enquanto homem, pois aquilo que acontece a um homem por outros homens e por ele mesmo não poderia ser senão humano. (SARTRE, 2009, p. 678).

É possível perceber simultaneamente dois pressupostos: somos responsáveis por nós mesmos, mas também somos, em absoluto, responsáveis por todos. Na primeira via, compreendemos que o homem, entregue a gratuidade de sua existência não nasce com nenhuma essência e, por isso, deve assumir a si mesmo de modo integral. Para Sartre, não se nasce covarde ou herói, por exemplo, uma vez que essas disposições de projeto se dão, na medida em que o homem escolhe a si mesmo nessas dimensões.

Nessa esteira de subjetividade, identificamos que o homem será aquilo que empreender de si mesmo. Seu projeto inicial é assumido e, ao longo de suas escolhas, toma forma de existência. Isso deixa claro que ele será aquilo que tiver projetado ser, visto que a precedência da existência em face da essência “faz repousar sobre ele a responsabilidade total de sua existência” (SARTRE, 2010, p. 26).

Responsabilidade e existência são, portanto, indissociáveis. No entanto, é preciso esclarecer que, a responsabilidade não se encerra na particularidade de uma subjetividade, uma vez que nossa intencionalidade e as nossas ações ocorrem no mundo e com os outros. Escolher a si mesmo é, ao mesmo tempo, escolher a humanidade como um todo.

Quando dizemos que o homem faz a escolha por si mesmo, entendemos que cada um de nós faz essa escolha, mas, com isso, queremos dizer também que ao escolher por si, cada homem escolhe por todos os homens. Com efeito, não existe um de nossos atos sequer que, criando o homem que queremos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem conforme julgamos que ela deva ser (...). Se a existência, além do mais, precede a essência, e nós queremos existir ao mesmo tempo em que moldamos nossa imagem, tal imagem é válida para todos e para nossa época inteira. (SARTRE, 2010, p.27).

Está claro para nós que os existencialistas declaram a amplitude da responsabilidade, visto que ela se dá num mundo humano, concreto e, mais, acomete a nós e aos outros no âmbito dessa concretude. A relação com o outro é uma realidade da situação, isto é, o outro, assim como o indivíduo que somos, se “constrói nas *situações* em que se encontra, nas reformulações do sentido último do real, em sua apreensão da dimensão de *alteridade* que a todos referenda.” (SANTOS, 2011, p.56).

O caráter radical da liberdade para os existencialistas é, para nós, algo de extremo valor. Ao considerar o abandono da existência humana e, ao mesmo tempo, indicar que não há lugar de segurança onde sua realidade pode se assentar, os existencialistas colocam essa realidade humana num enquadramento específico: na angústia existencial. Indicar que a existência humana está referta de angústia pode nos remeter ao pessimismo caso nos detenhamos numa leitura pouco séria. No entanto, Sartre e Beauvoir apontam para outro caminho, isto é, para o caráter constituinte dessa mesma existência que pertence única e exclusivamente ao agente.

Estamos diante de duas perspectivas bastante interessantes: Sartre, em sua empreitada ontológica, fenomenológica e moral — a nosso ver — e Beauvoir assumindo, através d’ *O segundo sexo*, a segunda onda do movimento feminista, declaram que esse caminho humano não pode se esquivar da angústia e da responsabilidade.

No prisma dos existencialistas, o homem e a mulher devem enfrentar de frente a esterilidade de sua existência, isto é, compreender que a existência é aberta e que nos restam as possibilidades, aliás, eles entendem que o homem é o ser das ações possíveis. Devemos também nos ater à distinção clara entre medo e angústia.

O medo indica a apreensão irrefletida de que algo ou alguém no mundo possa nos prejudicar, isto é, ele aponta algo externo a nós e que, por ventura, pode nos afetar.

De outro modo, a angústia aparece como uma realidade existencial e refletida que emerge de nossa liberdade e na possibilidade de escolher.

O ato de escolher traz em si mesmo a intenção e, ao mesmo tempo, cria o valor. Por isso, escolher é tão importante para os existencialistas. Só pode saber o que é a liberdade de seu ser, alguém que assume suas escolhas e age no mundo. Desta feita, o ato de escolher indica um movimento, ou seja, não diz respeito a uma existência totalizada, mas reflete o caráter nadificador da liberdade humana.

A eleição é a atestação da liberdade engajada e do valor posto em foco. Por isso a angústia aparece quando somos impelidos a escolher, porque ela indica a responsabilidade de nossas ações e o terreno árido de sentido no qual elas se assentam. Deste modo, vale ressaltar que,

O existencialista costuma declarar que o homem é angústia; isso significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas o que escolher ser, mas também um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será a humanidade inteira não poderia furtar-se do sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (SARTRE, 2010, p. 28).

Entendemos que esse sentimento apontado como “profunda responsabilidade” se correlaciona à angústia, visto que em ambos os casos o homem se vê diante de sua existência. Esse mesmo homem pode, no entanto, se abnegar de tal confronto e conscientemente fugir de suas escolhas assumindo, assim, a atitude de má fé. Na verdade a existência autêntica corresponde à compreensão do fracasso como realidade humana, mas o homem deve estar seguro de que ele é responsável por esse projeto e, mais, deve se tornar ele mesmo.

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”, tradução brasileira para o original “On ne nait pas femme, on devient femme”, é a frase célebre com a qual Simone de Beauvoir começa o segundo volume de *O segundo sexo*, em 1949 (o primeiro capítulo havia passado praticamente despercebido), cujo eco se ouve ainda na teoria feminista. O recurso original tem aqui o objetivo de chamar a atenção para a importância do verbo “tornar-se”, que supõe, na sua definição, um movimento de transformação, promove uma mudança e faz com que algo ou alguém deixe um estado e passe para outro. (RODRIGUES, 2015, p. 16).

A má fé surge quando o homem e a mulher não conseguem assumir a existência que lhes compete, tampouco à situação na qual eles estão inseridos. Determinar-se como total, isto é, negando a estrutura da realidade humana que se diz pelo nada, indica essa fuga. Ao nos aproximarmos de Beauvoir, entenderemos tal conduta como uma *atitude niilista*. Essa atitude corresponde à negação da negação, ou seja, ela quer dizer a existência humana através da positividade.

Entendemos que a resignação é o pano de fundo dessa atitude, visto que o homem se abstém da responsabilidade de se engajar, para aceitar que os outros, o destino e até mesmo Deus, determinem o seu caminho. Há aqui, uma escolha pela totalização de seu ser. Dito de outro modo, o homem escolher ter uma essência que antecipa a sua existência.

Nesse ínterim destacamos a má fé se realiza em dois planos: ontológico e moral. Esta se realiza na escolha que se esconde atrás de um posicionamento totalizado, isto é, designa a fuga que o homem da angústia como consciência da liberdade que ele mesmo é. Tal conduta aparece em Beauvoir na figura da mulher que se esconde no espírito do sério em três modalidades: apaixonada, narcísica e mística. Ademais, a filósofa aponta a *atitude niilista* como esquiva da liberdade e de seus pressupostos.

Desta feita, percebemos a má fé como a busca da realidade humana por fugir da responsabilidade de ser. Nesse sentido, o homem se esquiva da responsabilidade de constituir seu próprio destino, valores humanos e reconfigurar sua situação atendendo ao medo de se angustiar, pois a angústia faz com que ele perceba sua liberdade radical.

1.1. Angústia e existência: a tensão da liberdade

Há um consenso entre os existencialistas humanistas: a existência é fracasso. Evidentemente essa afirmação causa estranheza e, mais, nos assola com a seguinte questão: Há, no fundo do existencialismo, um pessimismo irrecuperável? Questão legítima se nos prendemos à pressa, pois a discussão é mais profunda.

Tanto Sartre, quanto Beauvoir consideram o fracasso com uma realidade da condição humana, isto é, entendem que essa mesma condição deixa entrever uma

abertura e não a plenitude. Assim, o fracasso está no fato de que o homem, em seu bojo, é faltoso e embora queira se esquivar dessa ausência de sentido através da má fé, sua ação é frustrada, visto que antes de se alienar ele é liberdade que escolhe tal caminho, ou seja, ele sempre será abertura e a síntese entre abertura e totalidade nunca se dará em sua existência. Deste modo, “aceitar” o fracasso enquanto realidade existencial é, ao mesmo, tempo caminhar nos trilhos da autenticidade.

A primeira implicação de uma tal atitude é que o homem autêntico não consentirá em reconhecer nenhum absoluto estranho: quando o homem projeta em um céu ideal esta impossível síntese do para-si e do em-si que é chamada de Deus, é por desejar que o olhar desse ser existente transforme a sua existência em ser. Mas se êle aceita não ser a fim de existir autenticamente, abandonará o sonho de uma objetividade inumana, compreendendo que não se trata para êle de ter razão aos olhos de um deus, mas de ter razão aos seus próprios olhos. (BEAUVOIR, 1970, p. 9).

A angústia aparece exatamente aqui: na constatação da autenticidade. Se nós a percebemos em sua relação com a liberdade, identificamos que o homem delibera e escolhe. Este mesmo homem não recorre a nada que extrapole sua própria existência ou sua facticidade. Ele está entregue a sua existência e, mais, realiza constantemente o empreendimento de constituir a si mesmo, o sentido, o valor e um horizonte humano. Escolher é, ao mesmo tempo, atribuir valor e por isso o engajamento é tão importante. Engajar-se é aderir algo, isto é, colocar-se num lugar, mas não há nada num céu inteligível que defina o melhor lugar para estar ou que se deve fazer. Devemos entender, nesses termos, que a realidade humana é um

processo é inconclusivo. Se somos de fato a liberdade, nossa existência, por definição nunca é acabada. Antes da existência humana não há nenhum critério, ou tábua de valores que sirvam de parâmetro para orientar as ações do homem. Liberdade radical é ação de criar-se como homem, inventar-se. Cada ato, em sua intencionalidade, deixa entrever um valor que o homem cria. (...) A ação humana, para Sartre, não se pauta em horizontes Metafísicos, como, por exemplo, alcançar a felicidade, ou a bem-aventurança, mas única e exclusivamente no ato de assumir o seu tempo e a transvaloração dos valores e das condições nas quais este mesmo homem habita. (TEIXEIRA, 2014, 191).

A angústia aparece na medida em que o homem compreende sua liberdade e, mais, entende que ele não é nada além do que faz de si mesmo. Ela emerge do fato de que o homem é o único legislador de seu destino e do horizonte humano que o circunda. Não há como negar que essa premissa o coloca no lugar central da responsabilidade. Não tratamos de uma angústia que provoca a inabilidade do sujeito, ao contrário, colocamos em relevo o caráter orgânico e ativo dessa ansiedade. Ela se mostra concomitante a intenção e a ação.

Todo chefe militar conhece essa angústia. Isso não os impede de agir, ao contrário, é a condição mesma de sua ação, pois supõe que eles vislumbrem diversas possibilidades e, quando, optam por uma delas, percebem que ela só tem valor por ter sido escolhida. É essa espécie de angústia (...) não é uma cortina a nos separar da ação, mas antes faz parte da ação em si. (SARTRE, 2010, p. 31).

Ora, se a angústia se relaciona diretamente ao fato de que o homem deve escolher isto significa que ela está para escolha, bem como a escolha está para a liberdade. Logo, identificamos um real engrazamento entre angústia e liberdade. Sartre entende que, enquanto consciência, o homem existe enquanto nadificador e está à frente rumo ao seu devir. O homem é, portanto, o ser que coloca seu próprio ser em questão, assim, “é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade” (SARTRE, 2009, p. 72). Assim, constatamos que é na angústia que a liberdade — expressão real da realidade humana — realiza. Podemos inferir até aqui que uma vida autêntica se configura a partir dessa compreensão, ou seja, que o homem é radicalmente responsável por sua existência e, mais, não há como escapar dessa premissa.

2. A tensão entre inautenticidade e autenticidade provocada pela A má fé

Para os existencialistas a liberdade designa a realidade humana. A compreensão de que o homem existe enquanto possibilidade e devir é comum entre Sartre e Beauvoir. Compreendemos que esses filósofos apontam a escolha como um fator importante para que o homem e a mulher escolham e configurem seu próprio destino. É possível ver, no

entanto, o peso que recai sobre os ombros da realidade humana quanto o existencialismo realiza seu propósito, ou seja,

O existencialista costuma declarar que o homem é angústia; isso significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que não é apenas o que escolhe ser, mas também é um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será a humanidade inteira, não poderia se furtar o sentimento de sua total responsabilidade. Obviamente, muitas pessoas não se mostram ansiosas; mas nossa opinião é que elas mascaram sua angústia e evitam encará-la. (SARTRE, 2010, p. 28).

Desta feita, destacamos que o tanto o homem, quanto a mulher diante da angústia, como realidade da liberdade sentem o peso de assumir seu projeto existencial. Escolher é, em alto grau, determinar o valor e, mais, indica a configuração da essência do sujeito a partir de uma eleição original. A angústia emerge, na medida em que constatamos a profundidade de nossas escolhas, bem como o seu alcance.

Engajar-se, portanto, acena a escolha consciente do sujeito por si mesmo e pelo mundo que o circunda. Entendemos que a liberdade é pressuposto da existência humana e, por isso, é indicativo fundamental do que chamamos aqui de alienação. Ora, alguém que se exime de viver sua existência e a radicalidade dessa escolha é visto, para os existencialistas, como alguém que não se esquivava da liberdade. Doutro modo, o sujeito que se fia nas múltiplas justificativas — transcendentais verticalmente, econômicas, histórias, culturais e etc. — está alicerçado numa segurança que o exime de escolher. Entendemos que a liberdade é indispensável a essa discussão quando lemos em Sartre:

Eu, pessoalmente, falei da liberdade em meus livros de Filosofia. Creio mesmo que essa liberdade é uma noção capital do nosso mundo. Penso, entretanto, em uma liberdade alienada. Acho que, por ora, o homem é livre para ser alienado. Alienação e liberdade não são, em absoluto, conceitos contraditórios. Muito pelo contrário: se não fosses livres como poderias transformar-te em escravo? Não se escraviza um pedregulho ou uma máquina: só se escraviza e aliena a um homem que, primeiramente, é livre. (SARTRE, 1986, p.39).

Julgamos que aquela fuga seja legítima, pois se apresenta como uma possibilidade do sujeito. O existencialismo humanista entende que, o homem está no mundo de modo contingente e constitui sua existência a partir de um projeto original que se realiza livremente. Sendo assim, escolher não escolher já qualifica uma escolha livre. Nessa seara, destacamos que no prisma ontológico, isto é, nos limites da compreensão e da descrição dos modos de ser da realidade humana, a má fé se legitima. No entanto, nossa investigação vislumbra outra face dessa escolha que, por definição, sufoca a liberdade: a discussão moral.

Beauvoir, em *Moral da ambiguidade*, destaca o caráter trágico e ambíguo da realidade humana e, mais, indica que existem homens que, para não se esforçar em ser sua própria liberdade, mascaram sua vida assumindo alguma substância. Material ou espiritual essa substância indica, a nosso ver, uma busca de salvação para sua existência. A grande questão está no abafamento moral que essa prática designa, pois o sujeito, em nome da covardia, recusam o projeto livre, a situação e a ação que, visa à adequação consciente entre intenção e resultado. A filósofa entende que o compromisso de existir é ao mesmo tempo uma realização em curso de uma experiência moral, visto que buscamos a nós mesmos — compreendendo nosso fracasso — e por não sermos totais, inventamos valor:

A existência se afirma como um absoluto que deve buscar em si mesmo sua justificação, e não ser suprimida, ainda que se conservando. Para atingir sua verdade, o homem não deve tentar desfazer a ambiguidade de seu ser, mas, ao contrário, concordar em realizá-la: êle não se alcança senão na medida em que aceita permanecer à distância de si. (BEAUVOIR, 1970, p. 9).

Desta feita, o movimento de existir — de modo autêntico — para os existencialistas não corresponde à negação da transcendência de modo horizontal, mas, sim, a constatação de que o homem é uma liberdade que se projeta e se constitui nas possibilidades abertas. O perigo está em negar o valor que surge nessa realização em curso da existência: na conduta de má fé.

A origem da má fé está no próprio movimento da consciência que, assume a si mesma como “interlocutora”. Entendemos que ela corresponde à afetação da consciência que, ao empreender uma atitude de negação, quer escapar da angústia. Ela não indica uma dualidade, na medida em que se trata da própria consciência que busca

enganar a si mesma. Nesse sentido, não há uma ambivalência entre enganador e enganado, mas sim uma unidade da consciência, isto é,

A consciência afeta a si mesma de má fé. São necessários uma intenção primordial e um projeto de má fé; esse projeto encerra uma compreensão da má fé com tal e uma apreensão pré-reflexiva (da) consciência afetando-se de má-fé. Segue-se primeiramente que aquele a quem se mente e aquele que mente são uma mesma só pessoa, e isso significa que eu, enquanto enganador, devo saber a verdade que me é disfarçada enquanto enganado. (SARTRE, 2010, p, 94-95).

Constatamos, por fim, que há uma tensão entre a autenticidade e a inautenticidade que, a rigor, tem como pano de fundo a liberdade e a escolha. A adesão pelo projeto original, mesmo que ele for abnegado — nos limites da ontologia — são reconhecíveis. O que nos incomoda está na região da eleição do valor, isto é, no campo da moralidade. Ela, a má fé, surge quando o homem escolhe abster-se da radicalidade da eleição e, mais, se distancia da natureza do valor que ela mesma a liberdade. Terminamos nossa investigação com uma inquietação bastante pertinente e que nos abre espaço para uma apreciação posterior: a má fé pode sustentar uma postura autêntica do homem, no que tange a experiência moral?

Referência Bibliográfica

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. *Por uma moral da ambiguidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

GÓIS, Cléa. Sartre: da consciência do Ser e o Nada ao Existencialismo é um humanismo. In: CESAR, Marcondes Constança; BULCÃO, Marly (Org.). *Sartre e seus contemporâneos. Ética, racionalidade e imaginário*. São Paulo: Idéias & Letras, 2008.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *O conhecimento de si*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: São Paulo: Casa do Saber, 2011.

MARCONDES, Constança Cesar; BULCÃO, Marly (Org). *Sartre e seus contemporâneos. Ética, racionalidade e imaginário*. São Paulo: Idéias & Letras, 1998.

MÜLLER, Marcos. A má-fé e a teoria da negação em Sartre. *Manuscrito.V.V*, n.2, Campinas, 1982.

POVOAS, Jorge Freire. A Má-fé na Analítica Existencial Sartriana. In: CESAR, Marcondes Constança; BULCÃO, Marly (Org.). *Sartre e seus contemporâneos. Ética, racionalidade e imaginário*. São Paulo: Idéias & Letras, 2008.p. 161-199.

REYNOLDS, Jack. *Existencialismo*. Tradução: Cesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2013.

RODRIGUES, Carla. Tornar-se mulher: devir feminista. *Revista Cult*. São Paulo, nº 208, p.16-17, 2015.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. Alteridade, Facticidade e igualdade: leituras de Sartre, Beauvoir e Levinas no processo de radicalização da Metafísica no século XX. In: OLIVEIRA, Ibraim Vitor de; SANTOS, Magda Guadalupe dos (Org).*Tempos da Metafísica*. Belo Horizonte: Tessitura, 2011, p. 53-93.

SARTRE, Jean-Paul. *Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SASS, Simeão. *O problema da totalidade na ontologia de Jean-Paul Sartre*. Uberlândia, EDUFU, 2011.

TEIXEIRA, Thiago. A transcendência horizontal: a ação e responsabilidade como elementos de uma moralidade no existencialismo de Jean-Paul Sartre. *Sapere Aude*. Belo Horizonte. v.5 - n.10, p.186-202. 2014

TROGO, Sebastião. *O impasse da má-fé na moral de J. P. Sartre*. Belo Horizonte: Ciência Jurídica, 2011.